

ENTREVISTA REVISTA COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

TEMA: A CIDADE E AS SUAS REDES: COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

ENTREVISTADO: VLADIMIR SANTAFÉ, Mestre pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ECO/UFRJ e professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

- 1. RCCS: Ao pretender um mapa das redes e das vozes nas ruas em tempo de capitalismo cognitivo, para que direção e avanços nos estudos de biopoder, resistência popular e espaços urbanos a sua obra *Da biopolítica dos movimentos sociais à batalha nas redes: vozes autônomas* sinaliza?**

Vladimir Santafé: *Em primeiro lugar, é importante enfatizar que nossa obra não pretende apontar caminhos, pois não acreditamos mais no intelectual universal do Iluminismo, ainda que acreditemos na universalidade enquanto enunciado político, por exemplo, a luta por democracia direta, a luta pelo direito das minorias, a luta por justiça social, todas essas questões passam pela universalidade enquanto instância mobilizadora de ações e projetos, no entanto, essas ações não devem passar pelo intelectual enquanto centro, sua direção deve ser tomada, a cabo, pelas pessoas e pelos grupos que participam diretamente dos problemas, é preciso sentir na pele como o mais profundo, como escreveu Paul Valéry. O que nos interessa, enquanto autor, é a materialidade das relações, e, como você colocou, as relações estão envoltas naquilo que Hardt e Negri chamam de capitalismo cognitivo, isto é, já não estamos mais nas sociedades disciplinares do capitalismo fordista, ou voltado para a produção, o capitalismo hoje vende serviços e compra ações. Deleuze identificou a sociedade atual como de controle, onde o poder modula os sujeitos em espaços abertos e flexíveis, e as lutas não se dão mais no chão da fábrica, mas nas ruas, nas grandes metrópoles mundiais como espaço por excelência da produção biopolítica: a produção de novas linguagens, novos afetos, ideias, comunicações. E é claro que as cidades do interior estão conectadas a essas metrópoles, porque as tecnologias atuais permitem e se alimentam dessas conexões. A forma desse capitalismo é a rede e o poder que exerce é descentrado, e assim como na época de Marx, os movimentos sociais e os grupos políticos, para superá-*

lo, precisam se organizar conforme as tendências históricas liberadas pela produção capitalista, onde "tudo que é sólido se desmancha no ar", e é exatamente isto que vimos nas Jornadas de Junho, nos occupys ou nas acampadas espanholas, coletivos autogeridos, descentrados, decidindo suas ações e votando suas "leis" através de assembleias, transformando e negando, simultaneamente, a democracia representativa liberal. Isso não significa que o proletariado, ou a multidão, conceito criado por Negri e Hardt para delimitar o trabalhador contemporâneo, deve se aliar aos capitalistas, ao contrário, pois quem libera essas energias é o trabalho e quem trabalha é o proletário, o capitalista age como um vampiro, ele vampiriza o mais-trabalho e extrai das pessoas o seu tempo livre, os seus desejos, suas ideias, etc. Essa é outra característica do capitalismo atual, cognitivo ou imaterial, onde os tempos se misturam e a temporalidade torna-se virtual, através dos fios globais da internet e de seus dispositivos de comunicação e compartilhamento. A separação, tão cara às sociedades disciplinares, entre o tempo do trabalho e o tempo do lazer, o espaço público e o espaço privado, já não existe mais, as redes sociais como o Facebook ou o Twitter o comprovam, ou quando existe, não é da mesma forma que nas disciplinas, por isso as instituições disciplinares estão em crise: a escola, a família, a prisão, o hospital. O nosso livro pretende mapear essas transformações e de que forma os movimentos sociais, em relação de antagonismo com o capital, criam as suas linhas de fuga e efetivam suas reivindicações, moldando o mundo com as suas mãos, criando novos modos de vida e conexões possíveis. O capitalismo atual produz subjetividades e é alimentado por elas, somos, ao mesmo tempo, produtores e consumidores, criamos e somos expropriados, desejamos e vemos os nossos desejos revendidos pelo capital global. É exatamente como escreveu Guy Debord: "na sociedade do espetáculo, a imagem é mais real que o real, e o real é imagem". Marx conceituou a nossa época como a etapa em que o desenvolvimento das forças capitalistas nos eleva à subsunção da vida ao capital, é a era do General Intellect, do trabalho imaterial como tendência dominante das relações de produção e, conseqüentemente, da produção daquilo que somos enquanto sujeitos.

2. RCCS: Em quais aspectos os movimentos sociais hoje no Brasil necessitam avançar quando comparados à articulação midiática diante da opinião pública mundial feita pelo movimento zapatista, por exemplo?

Vladimir Santafé: *Os movimentos sociais têm hoje na mídia alternativa, nos midiativistas, o seu contradiscurso, e no capitalismo do tipo cognitivo, na sociedade do espetáculo, os contradiscursos são fundamentais na luta por direitos e na transformação das relações políticas e econômicas, pois são os discursos midiáticos, da grande mídia, que reforçam e reproduzem a dominação política e a exploração econômica do capital global. Os zapatistas foram os primeiros, eles deram a linha, indicaram o caminho, mas todos os movimentos sociais hoje, do Brasil à Turquia, da Grécia a Nova York, se utilizam dos meios de comunicação alternativos para afirmar suas ideias e práticas e as contrapor àquilo que a mídia corporativa assume e defende como verdade. É um terreno visceral de disputas. Por exemplo, no Rio e em São Paulo, a grande mídia tem disseminado, incessantemente, a ideia de que os manifestantes são criminosos, de que há manifestantes bons e manifestantes maus, vândalos, a velha dicotomia defendida por Bush para invadir o Iraque, na época a defesa da civilização contra a barbárie, um enunciado que escondia as verdadeiras intenções dos Estados Unidos, que era o controle sobre os poços de petróleo na região, agora volta com força através da Globo, da Bandeirantes, do SBT, etc. Eles fizeram uma campanha de difamação e criminalização dos ativistas praticamente sem provas, passando por cima de direitos fundamentais garantidos pela constituição federal tais como o direito à liberdade de expressão, o direito à manifestação, o direito à inviolabilidade da pessoa, o direito à isonomia jurídica. E o que fazem os midiativistas? Eles produzem imagens e discursos que se contrapõem a essas "verdades", desnudando os interesses por trás desses enunciados, desmascarando essas campanhas com fatos e dados não citados pela grande mídia, dando voz às pessoas e aos grupos que participam das manifestações, ou seja, democratizando os meios de comunicação na marra, potencializados pelas novas tecnologias digitais.*

3. RCCS: O comunicólogo Vito Gianotti é enfático em defender o fortalecimento das lutas sindicais e populares a partir do fomento de novos canais midiáticos, o que, em outras palavras, sugere a adoção do midialivrismo como frente de

combate às injustiças e a invisibilidade das mídias de orientação hegemônica. Para você, quais os principais entraves para a conscientização disso entre os grupos mais marginalizados do terceiro setor?

Vladimir Santafé: *Acho que essa questão foi respondida anteriormente, eu só queria acrescentar que, diferente da concepção contra-hegemônica, onde os trabalhadores criariam uma outra cultura dominante que substituiria a cultura anterior, burguesa, tal como se deu, em parte, na China maoista, principalmente nos primeiros anos da revolução, a concepção que defendemos deve levar em consideração a multiplicidade de expressões que compõem uma multidão, são contrapoderes, muito mais que uma contra-hegemonia, ainda que o conceito de hegemonia tenha o seu uso, na prática militante e nas reflexões teóricas dos movimentos. E o que seria a multidão? A multidão é um conjunto de grupos e/ou pessoas que, dentro das suas diferenças e a partir delas, participam de um projeto comum. Os movimentos globais são multidão, da Praça Tahir à Cinelândia, pois são movimentos heterogêneos cuja dinâmica constituinte se dá de forma horizontal e não formal. Ainda que o destino da Praça Tahir tenha sido a Irmandade Mulçumana, isso não tira o poder do movimento, nem suas linhas de força, pois a história não é linear nem previsível, ela se dá, ao contrário, por saltos e rupturas, e é possível que, a qualquer momento, surja outra Praça Tahir mais radical e propositiva que a anterior. O importante é criar espaços de liberdade, possibilitar a democracia direta e enfrentar os poderes constituídos que impedem a efetivação dessas forças.*

4. RCCS: Na sua obra há o diálogo constante com as obras de Michael Hardt, Antonio Negri e principalmente Michel Foucault, autores consagrados por críticas aos dispositivos e modelos de controle produzidos pelas sociedades capitalistas. Em que medida a atomização dos movimentos sociais pelas redes sociais da internet pode reformular as relações e práticas mediatizantes historicamente atreladas aos princípios capilares da globalização, a fim de engendrar um novo *modus operandi* de participação política?

Vladimir Santafé: *Na verdade isso já vem ocorrendo, não só nos movimentos citados anteriormente, como nos partidos criados a partir desses movimentos, o Podemos, na Espanha, é um exemplo. Mas muito mais profundo que isso é o *modus operandi* intrínseco às relações de produção que constituem a sociedade global na atualidade, e esta forma é a Rede, em inglês, a web. Marx escreveu, sobre o capitalismo de produção ou fordista, que o animal que o representara (e às forças*

revolucionárias que o superariam) era a toupeira. Para ele, o partido comunista deveria cavar buracos ou aproveitar-se dos buracos cavados pela toupeira monetária que era o capital, para, num lance, submergir à superfície e tomar o poder. Mas o que é a toupeira e o que ela representa em termos de regime de poder? A toupeira seríamos nós, o homem das disciplinas, ou, melhor dizendo, a subjetividade formada pelas relações de produção que incidem sobre a nossa formação, não que sejamos simplesmente efeitos das relações econômicas, também somos contra essas relações e através delas, a nossa existência pressupõe reprodução, mas também criação. Hoje, no entanto, o animal é outro, no lugar da toupeira das sociedades disciplinares, que escava buracos entre espaços descontínuos, cujo indivíduo está sempre começando do zero (da família à escola, da escola ao trabalho ou à prisão), normatizado pelos micropoderes que o preenchem, aparando os desvios e codificando os gestos, o pensamento e as ações, nós temos a serpente e suas constantes modulações. A sociedade disciplinar moldava os indivíduos a partir de sua matrícula enquanto identidade e de seu registro na massa, mas o controle (e seus controlatos) está sempre modulando os indivíduos segundo os ditames do poder. A subjetividade muda radicalmente, pois não há mais espaços fechados e descontínuos, mas espaços abertos e flexíveis, a empresa substitui a fábrica, a educação permanente a escola, as formas de prisão a céu aberto, seus dispositivos tecnológicos, e controle contínuo substituem a prisão panóptica. Henry Miller foi um dos que melhor descreveu a vida nas cidades disciplinares: "Assim como a própria cidade se tornara um enorme túmulo no qual homens lutavam para ganhar uma morte decente, minha própria vida ficou semelhante a um túmulo que eu construía com minha própria morte." E, logicamente, o modus operandi dos movimentos sociais transforma-se radicalmente, ele passa a mover-se em rede, de forma autogerida e a partir das multiplicidades que o preenchem - multiplicidade autoproducente - tal qual uma rede social, rompe com o centralismo democrático dos partidos, as hierarquias e o molde que organizava o movimento operário, concebido na época como um exército. Vemos isso em Gramsci, que concebe o partido operário com seus capitães, tenentes e soldados, em Trotsky, que fez do exército vermelho uma fábrica, tornando seu funcionamento análogo a uma linha de montagem, hoje esta concepção seria inconcebível ou mesmo retrógrada! Não só pelas críticas e

resistências do movimento operário, do movimento negro, do movimento feminista, dos escritores, cineastas, poetas, etc. contra as disciplinas que o normatizavam nesses espaços extraindo dos seus corpos um máximo de lucro e um mínimo de custos, ou moldando-os segundo as concepções dominantes de raça (branca), sexualidade (heteronormativa) e comportamento (civilizado), como pelas mutações no próprio capitalismo. O diagrama nas empresas, nas escolas, nas fábricas e no próprio exército dos países capitalistas desenvolvidos e em desenvolvimento mudaram radicalmente no passar dos anos e se aproxima, hoje, do diagrama das redes e de seus dispositivos de controle, dos drones à guerra cibernética, dos telecursos às faculdades à distância, o poder atualmente modula corpos flexíveis e em constante transformação, tal qual as ondulações de uma serpente - movimento contínuo e multiforme. Outro conceito foucaultiano caro para mim é o conceito de biopoder. O biopoder é o regime disciplinar que atua sobre a massa enquanto população, ou seja, enquanto espécie. Ele atua de maneira a separar os territórios segundo a geração e a conservação da vida, como a diferença entre a zona sul do Rio de Janeiro e as favelas, na zona sul há serviços básicos e avançados de saúde, nas favelas não há nada. Mas mesmo essa clivagem está mudando aos poucos no capitalismo cognitivo, pois este vê nas favelas um potencial produtivo imenso! Os modos de vida dos moradores de favela são intensamente explorados pelo mercado, do samba ao funk; o vestuário, as gírias, as histórias, como nos filmes Cidade de Deus e Orfeu, nas séries televisivas, ou na Rocinha, onde o consumo supera o de várias cidades no resto do país, atraindo investimentos como o McDonald's, dentre as milhares de pequenas e médias empresas instaladas no local. E "onde há poder, há resistência", como escreveu o próprio Foucault. Ele também nos ensinou que é indigno falar pelos que são oprimidos e explorados, pelos que realmente sofrem os problemas e conhecem os seus meandros cotidianos, e que o oprimido (o trabalhador, a mulher, o negro, o indígena, o homossexual, etc.) tem a sua própria fala, muito mais consistente politicamente que a nossa! Na mesma linha, Guy Debord escreveu que "quem fala de revolução e não a pratica cotidianamente, carrega um cadáver nos dentes". Mas o que Foucault não desenvolveu, ou desenvolveu muito pouco, em seus últimos escritos, foi o conceito de biopolítica. Coube a Negri e Guattari desenvolvê-lo. E o que é biopolítica? A biopolítica se articula com a subsunção da vida ao capital, isto é, é a política total, onde a

própria vida torna-se mercadoria e logo, deve resistir às capturas do Estado capitalista. A biopolítica pressupõe a disputa pelos serviços básicos nas cidades, é uma política antes de tudo territorial, mas também global, pois as cidades estão interconectadas entre si, é uma política que afirmar-se a partir de suas particularidades nas lutas globais! A biopolítica são as ocupações urbanas e rurais, pois mesmo o campo está conectado, não há mais espaços inalcançáveis nas sociedades de controle, é a luta dos camelôs e dos trabalhadores precarizados (dos comerciários aos artistas de rua), e ela é antes de tudo uma política criativa e radicalmente democrática. A ela opõe-se o biopoder, ou seja, o poder que captura pelo controle e extrai o mais-valor do trabalho criativo da multidão. Mas a multidão, ontologicamente, é sempre excesso, e é justamente esta força excedente que faz a sociedade fluir e a edifica, um edifício feito de desejo e suor.

- 5. RCCS: Recentemente no website Pragmatismo político foi publicada uma suposta parceria entre diplomatas americanos e jornalistas brasileiros das Organizações Globo, tendo por fonte de informação o WikiLeaks. Na ótica da sua obra, o wikileaks poderia ser considerado uma voz autônoma?**

Vladimir Santafé: *O WikiLeaks é uma voz catalisadora que projeta mobilizações a partir das informações que dissemina na rede, delimitando aquilo que nos define politicamente como ser de esquerda ou de direita, isto é, ser de esquerda significa, principalmente, difundir e compartilhar informações que fazem diferença em nossas vidas, como a espionagem norte-americana, a atrocidade das imagens da guerra do Iraque e do Afeganistão, os sujos segredinhos das nações que tratam seus cidadãos como marionetes, informações essas compartilhadas pelo WikiLeaks. O ser de esquerda também é uma questão de percepção, partimos do mundo, do mundo para o país ao qual pertencemos, do país para a região ou estado, do estado para o bairro, do bairro para a família, ou seja, ser de esquerda é se importar com o destino das pessoas no Iraque ou no Afeganistão, ou na Palestina, diante do terrível massacre da população árabe perpetrado por Israel, além do asfixiamento econômico praticado pelo estado judeu há anos na região, que gera, direta e indiretamente, milhares de mortes na Faixa de Gaza e nos territórios palestinos ocupados pelos israelenses. Ser de esquerda, como disse Deleuze, é estar dentro do devir, um devir-minoritário de todo o mundo, e mobilizar forças que superem o*

intolerável, as injustiças e as capturas do poder constituído. Se o Wikileaks é uma voz autônoma, eu diria que sim, na medida em que cumpre a tarefa de desmascarar os jogos da macropolítica, da realpolitik dos estados que mantém milhões na miséria, enquanto concentra e acumula riquezas nas mãos de uma minoria, menos de 1% na verdade, apesar do movimento Occupy ter usado o enunciado os "99% vs 1%", o que comunica muito mais do que os "99% vs 0,001%". Outra questão relativa à biopolítica é que ela é sempre, inicialmente, uma micropolítica, ou seja, parte-se do local para o global, das nuances dos problemas e seus múltiplos fatores para a totalidade aberta que constituiu a geopolítica mundial.

6. RCCS: Quais os maiores legados das jornadas de junho na relação entre a opinião pública e os movimentos sociais?

Vladimir Santafé: *É preciso dizer que ninguém previa as Jornadas de Junho, nem a grande mídia nem a academia, as jornadas surpreenderam a todos! É da natureza do evento o inesperado, e no império global os eventos são elementos formadores das grandes narrativas, tanto por parte do poder quanto da resistência. O que foi o 11 de setembro senão um evento que legitimou a narrativa imperial de Bush contra o terrorismo mundial? A partir do 11 de setembro o mundo mudou. Não é à toa que a mídia corporativa e os partidos conservadores no Brasil igualam os manifestantes a terroristas, e se não fosse pela pressão dos movimentos sociais, a Lei Antiterrorismo seria implementada no país em nome da proteção e manutenção dos megaeventos, a Copa e as Olimpíadas. Israel bombardeia milhares de palestinos em nome da luta contra o terror, quando o que vemos, na realidade, é o terrorismo de Estado em ação. As Jornadas de Junho, enquanto evento, possibilitou o empoderamento político das pessoas, logo, seu caráter é libertário. E como todo acontecimento, ela deixa rastros. Negri e Hardt concebem o poder a partir da multidão, o poder constituinte, e do ponto de vista da classe dominante, o poder constituído, as Jornadas de Junho produziram dinâmicas constituintes, e o status quo tremeu diante do povo nas ruas. Não é à toa que a repressão se sofisticou, a Operação Firewall, que prendeu 21 manifestantes, atualizando o estado de exceção presente na estrutura jurídico-política do nosso país, é um exemplo, e a grande*

mídia passou a tratar as manifestações com mais cuidado, pois, a qualquer momento, a multidão pode voltar às ruas e eclodir outra jornada de lutas.

7. RCCS: É possível discutir autonomia e emancipação política dentro de plataformas digitais condicionadas e financiadas por blocos multinacionais de mercado?

Vladimir Santafé: *Sim e não, primeiramente, as plataformas digitais não são condicionadas por blocos multinacionais, e quem as financia ou as mantém, são as pessoas que as utilizam. Na Operação Firewall, por exemplo, o Facebook se negou a entregar os dados dos manifestantes acusados de "terrorismo", e por que ele se negou, porque ele apoia as manifestações? Não. O Facebook se negou por uma questão muito simples, uma questão mercadológica, caso ele os entregasse, seu uso estaria comprometido, pois as pessoas que o utilizam e atraem as milhares de propagandas que o financiam, poderiam migrar para outra rede social. Não foi o caso da Google quando confrontada pelo governo dos Estados Unidos na cessão dos dados de seus usuários, e nesse caso o WikiLeaks produziu o contradiscurso capaz de "desmascarar" a Google, o que gerou uma série de visualizações e compartilhamentos, diminuindo o valor das ações da empresa na bolsa de valores e, conseqüentemente, o seu lucro. Este é o paradoxo do capitalismo cognitivo, ele possibilita a criação das plataformas digitais, mas essas, para sobreviver no mercado, tem que ser apropriadas pelas pessoas, e o seu processo de apropriação pressupõe o comum: a produção e a troca de ideias, afetos e linguagens. Além disso, essas plataformas são constantemente reinventadas, inclusive pelos movimentos sociais. Nas acampadas espanholas, criou-se uma rede social para tratar das assembleias, no levante em Londres, os filhos dos imigrantes jamaicanos e africanos usaram o Black Berry para se comunicar e organizar as ações do movimento, o Podemos na Espanha usa uma plataforma para deliberar as ações dos parlamentares e a confecção das leis, toda tecnologia adquire o seu valor de acordo com o uso que se faz dela! Segundo Simondon, somos seres tecnológicos, somos homo-machina, o desenvolvimento da cultura que nos torna humanos é atravessado pela invenção tecnológica, dos instrumentos que possibilitaram a agricultura e a domesticação dos animais na revolução neolítica às tecnologias digitais, e nossa subjetividade se constrói na interação com os agenciamentos*

maquínicos. Hoje em dia é impossível fugir à virtualidade do tempo e do espaço proporcionado pela web, todos são afetados de alguma maneira. Mas é importante salientar que segmentos políticos conservadores estão sempre tentando barrar e controlar o fluxo das redes de compartilhamento, a Lei Azeredo é um exemplo! É um lugar de disputas e uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo que ele intensifica a mobilização, também facilita o trabalho da repressão, como colocou Julian Assange, fundador do WikiLeaks, e os grupos políticos que desejam promover ações diretas que surpreendam o poder constituído, precisam criar suas próprias plataformas.

8. RCCS: Você acredita que houve alguma mudança significativa na imprensa burguesa – ou em parte dela – depois da visibilidade adquirida pela Mídia Ninja depois da cobertura alternativa e intensificada das jornadas de junho?

Vladimir Santafé: *O agenciamento Mídia Ninja/Jornadas de Junho precipitou um fenômeno que há tempos dinamitava a audiência dos grandes meios de comunicação, não é de hoje que a internet, no campo das notícias e da produção de informações, "desmente" e rivaliza com o discurso midiático corporativo, o que a Mídia Ninja criou ou intensificou durante as manifestações foi a cobertura simultânea dos eventos, o que, certamente, gerou mudanças significativas na imprensa burguesa, acostumada a ser o centro legitimador das grandes narrativas que reproduzem a constituição imperial e, mais importante, da realidade espetacularizada enquanto tal. Mas além da Mídia Ninja, havia vários outros coletivos da mídia alternativa que rivalizavam com a reprodução dos enunciados do poder e produziam os contradiscursos dos "bárbaros", da resistência multitudinária; entre eles, o Linhas de Fuga, o Nova Democracia, o MIC, o Das Lutas, etc. São todas expressões da multidão de vozes dissonantes que compõem as redes e as ruas. No que concerne à Mídia Ninja, há um outro fenômeno de captura nos moldes do capitalismo cognitivo que chama a atenção, de expropriação das redes produtivas dentro de uma só rede, a Fora do Eixo. Segundo artigo da Universidade Nômade, "O Comum e a Exploração 2.0", os coletivos são subordinados sob o guarda-chuva de uma marca, onde um gestor administra os participantes a partir de um novo modelo de negócios que liga o capital ao comum, condicionado a autovalorização do trabalho aos mecanismos de captura da*

empresa e operando as condições subjetivas da produção social (brand management). As contradições internas presentes na Fora do Eixo geraram o racha da Mídia Ninja no Rio de Janeiro, os antigos ninjas criaram um novo grupo, o Coletivo Carranca, e a empresa teve que "importar" novos ninjas de São Paulo

- 9. RCCS: Da fragmentação das grandes narrativas, isto, incluindo as ideologias partidárias, cada vez mais os conceitos de biopolítica e microfísica do poder parecem definir as formas de participação social na produção política de cidade. Pode-se vislumbrar exemplos e caminhos no atual quadro político do Brasil? Se sim, quais?**

Vladimir Santafé: *As Jornadas de Junho são o melhor exemplo do que você definiu como produção política na cidade, pois quem produz a cidade somos nós, e quando reivindicamos uma outra cidade menos excludente e mais justa, onde serviços básicos tais como transportes públicos, saúde, educação, saneamento básico, democracia direta, desmilitarização da polícia são disputados e reclamados nas ruas, então podemos afirmar que a democracia torna-se plena. Também havia fascistas, neoliberais, milicianos, etc., mas esses eram minoria, ao contrário do que a imprensa burguesa e o próprio governo tentaram nos fazer acreditar. Mas este é um primeiro passo, o próximo passo deve ser a construção das instituições do comum, com instâncias deliberativas que determinem os rumos das cidades, instituições autogestionárias, e não aparelhadas por partidos, ONGs ou outras entidades do tipo. Mas o que é o comum? O comum é a produtividade da multidão, no capitalismo atual, a produção é tendencialmente comum, é preciso um patchwork para produzir, diferente da produção fordista onde a cooperação social era secundária em relação ao produto, apesar de indispensável na organização dos trabalhadores. E o comum também é aquilo que compartilhamos (ou deveríamos compartilhar) em comum nas cidades e no campo: a terra, a água, os alimentos, os transportes públicos, a saúde, a educação, as ideias, as músicas, os modos de vida, e mais uma gama de criações que nos torna humanos e, como escreveu Spinoza, "aumentam a nossa potência de agir". O comum também é diferente do público, numa das capas do meu livro, há uma estudante chilena que diz: "ni público, ni privado, libertário!", porque o público, principalmente no Brasil, sempre foi privatizado! O público geralmente serviu às oligarquias do país. Mas isso não*

impede a luta contra a privatização das universidades, das empresas estatais, dos espaços públicos, etc., a nossa intenção é ampliar o debate e não reforçar o discurso privatista dos neoliberais.

- 10. RCCS:** Para concluir, alguns estudiosos, sobretudo dos Estudos Culturais latino-americanos, defendem que da potência das redes logo se nota a assunção de protagonismo de grupos e atores antes aliados dos processos de urbanização. Uma assunção que poderia alterar pelo menos parcialmente as históricas relações entre hegemonia, poder e campo cultural. No caso do Brasil, até que ponto as frentes históricas de colonização e as práticas de protecionismo das correntes colonizatórias pós-século XX acabam gerando uma leitura diferenciada nos processos de atomização e mediatização dos movimentos sociais quando comparados aos outros países da América Latina – Argentina, Colômbia, México, etc?

Vladimir Santafé: *O principal fator de diferenciação entre o Brasil e os demais países da América Latina, tanto em relação aos movimentos sociais quanto na construção histórica de suas estruturas socioeconômicas, políticas e culturais é a escravidão. Nós fomos o último país a aboli-la e a escravidão era um negócio altamente lucrativo para parte considerável das nossas elites. E se não fosse pelas mutações no interior do próprio capitalismo mundial, com a Inglaterra, grande parceiro comercial do Brasil imperial, como "condutora" dessas transformações, a escravidão talvez sobrevivesse por mais tempo. A nossa elite é neoescravocrata! O Brasil é um dos países que mais mata jovens negros das favelas e periferias espalhadas pelo nosso imenso território através de suas polícias, é um verdadeiro genocídio "silencioso", naturalizado pela mídia corporativa e pelo racismo disseminado nas relações cotidianas: racismo estético, econômico, político! É claro que devemos considerar as rebeliões populares como essenciais na libertação dos homens e mulheres subjulgados pelo terror da escravidão, pois para nós, as mudanças sociais ocorrem, primeiramente, pelas linhas de fuga traçadas pela multidão. É o que Gabriel Tarde falava em relação às revoltas, que elas se iniciam quando o camponês vira o rosto para o seu patrão. A nossa memória é carregada de miséria e sofrimento. Sobre o empoderamento dos "atores aliados do processo de urbanização", Negri e Hardt desenvolvem um conceito de que gosto muito, o de potência dos pobres! A pobreza é potente porque, no processo de reprodução*

social, ela é nua, e esta nudez faz com que a criação se faça urgente - é a lei do desejo. A pobreza é a carne da multidão, uma carne amorfa e múltipla. E a biopolítica, a política que incorpora a vida em seu processo de afirmação, faz-se pobre na medida em que ela é pura criação e comum, uma partilha comunal do sensível, materializada na produção, nas redes e nas ruas.

